

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Elba Pereira dos Santos

**PEDAGOGIA DA ESCUTA: A participação das crianças no
planejamento**

Belo Horizonte

2012

Elba Pereira dos Santos

PEDAGOGIA DA ESCUTA: A participação das crianças no planejamento

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em **Educação Infantil**, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Rogério Correia Silva

Belo Horizonte

2012

Elba Pereira dos Santos

PEDAGOGIA DA ESCUTA: A participação das crianças no planejamento

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em **Educação Infantil**, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Rogério Correia Silva

Aprovado em 14 de julho de 2012.

BANCA EXAMINADORA

Rogério Correia Silva

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

José Simões

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

RESUMO

No contexto da Umei Águas Claras , uma instituição de Educação Infantil da Rede Municipal de Belo Horizonte, que participou de um convênio entre Itália e Brasil, o texto relata como foi vivida, por um grupo de crianças o planejamento em sala de aula. O processo de construção e análise dos dados da pesquisa baseou-se na abordagem da Pedagogia da Escuta. Verificou-se que as práticas de planejamento que assumiram a centralidade na criança foram mais eficientes. Argumentamos que o professor mesmo quando leva em consideração os desejos das crianças, induz os mesmos a cumprir um plano que satisfaça o professor. Assim, a investigação, ao ter como foco as observações do professor, o diálogo, o registro de desenhos e falas das crianças evidenciou a necessidade de uma nova abordagem do planejamento.

Palavras-chave:criança, escuta, professor.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO-----	6
2. JUSTIFICATIVA-----	7
3. OBJETIVOS-----	10
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-----	15
5- METODOLOGIA-----	17
6-DESCRIÇÃO DO PLANO-----	18
7- ANÁLISE DOS DADOS-----	19
7.1- A Roda-----	19
7.2- A votação dos cantinhos-----	22
7.3- Os desenhos-----	24
7.4- E o planejamento com a Coordenação?-----	28
7.5- Na tentativa de criar algo novo-----	29
8- CONCLUSÃO-----	29
9-REFERÊNCIAS-----	32

INTRODUÇÃO

A pesquisa com crianças pequenas envolve grandes desafios, uma vez que os adultos são vistos como controladores. Enibe as crianças com suas atitudes, não permite que a criança mostre sua verdadeira essência. Estamos tão acostumados a podar as crianças que o fazemos sem perceber.

É fundamental ver e ouvir. Observar, construir o olhar, captar e procurar entender, reeducar o olho ao não dito, valorizar a narrativa, entender a história. Ver e ouvir são cruciais para que se possa compreender gestos, discursos e ações. É um exercício para nosso cotidiano.

A Pedagogia da Escuta vem de encontro com tudo isto. Onde a prática pedagógica está voltada a valorização e atenção a expressão infantil.

Desde 2009, trabalho em uma UMEI com uma proposta diferenciada. A UMEI tem parceria com um grupo de Pedagogos italianos, mais precisamente da cidade de Reggio Emília, capital da província de mesmo nome, no norte da Itália, que tornou-se conhecida em todo o mundo pela qualidade da educação que oferece às suas crianças pequenas. As instituições de educação infantil da cidade caracterizam-se pela inovação teórica, experimentação, documentação, formação contínua de seus profissionais e intensa participação da família e da comunidade na gestão da escola, e mais que isso destaca-se pelo respeito a criança, acreditam que as crianças são seres humanos com muitas possibilidades e que toda criança é um ser competente.

Tudo isto vem contribuindo diretamente no trabalho da escola. Tivemos a oportunidade de participar de estudos mais aprofundados sobre a Escuta Sensível e participamos de Seminários e mantemos um intercâmbio com este grupo.

Na escola buscamos fazer um paralelo entre nossa realidade e a abordagem de Reggio Emilio que tem como princípio respeitar a maneira de cada um aprender e, para isso, precisamos estar atentos aos caminhos que eles mesmos propõem, isto é, a trajetória que as crianças fazem.

A curiosidade e os questionamentos de todos têm valor e são decisivos na escolha de temas de projetos de ensino. Eles surgem da fala dos pequenos, registrada atentamente pelos professores e estudadas pela equipe pedagógica. Por isso, uma mesma experiência não pode ser repetida com diferentes sujeitos com a finalidade de produzir os mesmos resultados.

Cotidianamente as crianças são levadas a fazer escolhas. A sala é dividida em cantos com atividades diversificadas, algumas livres e outras dirigidas pelo educador.

A medida que as crianças vão se envolvendo nas atividades, o professor faz registro com fotos, anotações e também são promovidos momentos coletivos de conversas e para dividir ideias ou trabalhos desenvolvidos.

Percebo que ainda falta algo para efetiva participação das crianças, na verdade elas fazem escolhas do que já está proposto, falta o envolvimento das crianças no planejamento desse currículo.

JUSTIFICATIVA

Pela Pedagogia da Escuta as crianças são encorajadas a explorar o ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as “linguagens” naturais ou modos de expressão, incluindo palavras, movimentos, desenhos, pinturas, montagens e muitas outras formas que pretendo investigar para não negligenciar a expressão infantil.

Procurou pensar sobre o papel do professor em todo o processo

expressivo da criança, para que minha prática alcance a escuta sensível.

Na educação diversos caminhos têm sido trilhados, novas perspectivas em relação ao desenvolvimento infantil têm aberto interessantes possibilidades de promover a aprendizagem e o desenvolvimento de crianças pequenas em ambientes de educação coletiva, como a escola.

Tenho vivenciado o intercâmbio com os Pedagogos de Reggio Emilia e tem possibilitado uma reflexão de minha prática. A medida que proponho às crianças que façam escolhas.

Um das influências de Reggio Emilia é quando eu ao iniciar alguma atividade minha maior preocupação não é até onde elas vão chegar, e sim como vão chegar, qual o caminho será percorrido, dentro de uma organização em pequenos grupos onde de maneiras diferentes as crianças tentam resolver o mesmo problema de acordo com suas escolhas. É este justamente o ponto central do trabalho em Reggio Emilia, onde um projeto pode durar dias ou até um ano inteiro, vai variar conforme o percurso seguido pelas crianças.

Como lembra Zilma de Moraes (2003), a criança desenvolve desde cedo sua sensibilidade, sua autonomia e sua solidariedade a partir de experiências educativas cuidadosamente organizadas.

É na interação com os grupos e a mediação do professor que as aprendizagens vão acontecendo. Com esta intenção que a sala é dividida em cantos, para que as crianças possam escolher o que fazer em grupos ou individualmente de acordo com seus interesses ou objetivos para resolver algum problema em comum.

“ Os indivíduos não podem apenas se relacionar uns com os outros: eles precisam relacionar-se uns com

os outros acerca de algo. Em outras palavras, os relacionamentos precisam conter interesse ou envolvimento mútuo, cujos pretextos e textos proporcionem a interação adulto/criança(Gandini,[1999],p.46).

Nessa abordagem, nosso processo educacional é pensado nas relações e na participação ativa das crianças. Procuo meios de efetivar esta participação para que as crianças se sintam parte do processo, sintam prazer no que fazem e que seja uma opção dela ou de seus pares de idade. Levando em consideração que são sujeitos participantes igualmente ativos na construção social da infância.

Daí vem a pergunta: Como potencializar a participação das crianças na construção do planejamento?

É importante que o professor capte as demandas das crianças e que estas crianças sintam-se a vontade para falar, porque é esta a proposta da escola. Dar voz a expressão infantil em todos os aspectos.

Gandini cita Malaguzzi “a criança é feita de cem, de cem linguagens”(Gandini, 1999, p. 06). A criança comunica e expressa para construir novos conhecimentos, dar significado e se apropriar do mundo.

Em nossa rotina buscamos as artes, a oralidade, a matemática e muitas outras linguagens que fazem parte do repertório da escola e sem esquecer é claro do brincar que perpassa por todas as linguagens, tentando seguir as palavras de Malaguzzi.

Todos os aspectos levantados contribuem para pensarmos em outras formas de avaliação em um momento em que estamos rompendo gradativamente com os paradigmas da propriedade, da proteção e da periculosidade nas relações que construímos com as crianças, conforme estudos recentes de Tomás e Soares (2004).

É uma reflexão que o professor deve fazer de sua atuação. Se achamos que sabemos o que é melhor para eles, as crianças vão estar sempre abaixo de nós professores. Considerar a criança um ser frágil é assumir o controle. O mais importante é que adultos e crianças possam assumir sua singularidade, criando novas formas de pensar e agir.

OBJETIVOS

A investigação ao ter como foco as observações do professor, o diálogo, o registro infantil e as falas das crianças, evidenciando-se a necessidade de uma nova abordagem de planejamento. A partir disto:

- Analisar as possibilidades de incluir as crianças no planejamento das atividades propostas em sala por meio do desenvolvimento de um plano de ação referente a proposta da pedagogia da escuta.
- Dar vozes as crianças.
- Promover a participação das crianças nas reuniões com a coordenação pedagógica.
- Avaliar a participação das crianças em suas escolhas na sala e nas reuniões com a coordenação.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA UMEI E DA TURMA DE CRIANÇAS

A UMEI–Unidade Municipal de Educação Infantil – Águas Claras é uma unidade pública municipal e atende crianças de 0 a 5 anos e 6 meses.

Faz parte do Programa “Infanzia-infância: a cooperação Itália-Brasil na Educação Infantil”, por isso tem alguns projetos diferenciados.

A UMEI Águas Claras é vinculada administrativa e pedagogicamente à E. M. da Vila Pinho. Diretora: Maria das Graças Amaral Vice-Diretora: Custódia Natalícia de Moura Rua Coletora, 956 - Vila Pinho Fones: 32775890 e 32775891

O atendimento às crianças e famílias é das 7 horas às 17 horas e 20 minutos.

Capacidade de atendimento

A UMEI Águas Claras tem capacidade para atender à 270 crianças assim distribuídas e em 2011 atende a:

14 crianças de 0 a 1 ano

14 crianças de 1 a 2 anos

18 crianças de 2 a 3 anos

Totalizando 46 crianças em horário integral: de 7h às 17h e 20'

Capacidade de atendimento(continuação)

40 crianças de 3 a 4 anos

80 crianças de 4 a 5 anos

100 crianças de 5 anos a 5 anos e 6 meses

Totalizando 220 crianças em horário parcial:

De 7h às 11h e 20 minutos ou

De 13h às 17h e 20 minutos.

Ocupação das vagas

Na UMEI Águas Claras, assim como em todas unidades que atendem Educação Infantil em Belo Horizonte, seguiu-se as orientações para inscrição, classificação, sorteio e matrícula determinadas pela Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte e demais legislações vigentes.

Podem se inscrever famílias moradoras no município de Belo Horizonte.

CRITÉRIOS PARA OCUPAÇÃO DAS VAGAS

Crianças que apresentam deficiência ou que estão sob Medida de Proteção da Justiça têm matrícula garantida por leis específicas;

Das vagas restantes:

- * 70% serão ocupadas pelas crianças em situação de maior vulnerabilidade. A classificação da vulnerabilidade será feita por representantes das Secretarias Municipais de Educação, Saúde e Assistência Social.

CRITÉRIOS PARA OCUPAÇÃO DAS VAGAS(continuação)

- * 10% para sorteio entre as crianças que moram em um raio de 1km de distância da UMEI (Sorteio do entorno);

* 20% para sorteio entre todas as
crianças inscritas e que não
conseguiram vaga nos
critérios acima

(Sorteio público).

LISTA DE ESPERA

Terminadas as vagas e ainda havendo crianças inscritas, será feito sorteio de todas as fichas para composição da lista de espera, por faixa etária, que terá validade para um ano.

Passado o período de inscrição, classificação, sorteio e matrícula, novas crianças poderão ser inscritas, indo automaticamente para o final da lista de espera de cada faixa etária.

PERÍODO DE INSCRIÇÃO E DOCUMENTAÇÃO NECESSÁRIA

O período para inscrição em toda a cidade de Belo Horizonte é determinado pela SMED a cada ano.

A documentação exigida é:

- * Certidão de nascimento;
- * Conta de Luz (preferencialmente);
- * Carteira de identidade do responsável;
- * Cartão de Benefício Social
- * Laudo médico se a criança apresentar deficiência;
- * Comprovante legal se a criança estiver sob Medida de Proteção da Justiça

COMPOSIÇÃO DO QUADRO DE FUNCIONÁRIOS DA UMEI

A UMEI Águas Claras tem como funcionários:

Uma vice-diretora, professora concursada pela PBH e atualmente indicada para o cargo e que deverá passar pelo processo de eleição nas próximas gestões.

Uma coordenadora pedagógica de tempo integral ou duas de tempo parcial, professora ou educadora concursada pela PBH e atualmente indicada para o cargo e que deverá ser eleita pelos pares nas próximas gestões;

Um auxiliar de secretaria concursado pela PBH;

COMPOSIÇÃO DO QUADRO DE FUNCIONÁRIOS DA UMEI(Continuação...)

31 cargos de Educadores infantis concursados pela PBH.

01 auxiliar de secretaria;

08 auxiliares de serviço para cantina e limpeza, 02 porteiros e 02 vigias contratados pela Caixa

Escolar da E.M. da Vila Pinho.
. Auxiliares de apoio a inclusão
Para acompanhar as crianças
deficientes.

A TURMA

A turma é formada por 23 crianças , sendo 12 meninas e 11 meninos, com idade entre 5 e 6 anos.

Algumas crianças são novatas e sendo assim estão vivenciando pela primeira vez o ambiente escolar, enquanto que outras já estavam na escola, o que favorece o trabalho bastante pois já dominam a dinâmica da escola.

Fomos estabelecendo uma relação de confiança com as mesmas priorizando a importância da afetividade e do respeito de uns com os outros e fortalecendo ainda mais o vínculo dos que já estavam na escola. E para que este vínculo seja mais forte no dia-a-dia estamos sempre buscando meios de aproximação com as famílias.

Construímos juntos a organização da rotina, os combinados para a nossa convivência e aprendizagem e principalmente a identidade das mesmas.

As crianças gostam de brincar, explorar diferentes objetos, explorar os cantinhos e os vários espaços da escola. Todas estas explorações acontecem de acordo com o amadurecimento do grupo de alunos.

O trabalho tem como objetivo principal respeitar as características e individualidades de cada criança, considerando nossa parceria com as famílias, fundamental ao desenvolvimento integral de nossas crianças.

A sala é organizada em cantos, canto da leitura onde ficam expostos diferentes livros ou aqueles com temas de interesses percebidos pela professora. Canto do faz-de-conta, onde há fantasias, boneca, carrinhos, diversos brinquedos para que as crianças inventem suas próprias brincadeiras e o canto da construção, onde tem jogos de encaixe, quebra-cabeça etc. Nestes cantos as crianças brincam conforme suas escolhas, mas sempre há alguma atividade sendo direcionada pela professora com um pequeno grupo em um espaço a parte da sala.

A organização dos cantos é feita por professores e coordenação pedagógica. Tudo é pensado para facilitar o acesso das crianças aos objetos da sala, mas o acesso é dado de acordo com a leitura do professor, baseado no que ele “ouviu” da turma, tudo que acha pertinente em um determinado momento.

Para ilustrar melhor, no ano passado e retrasado foi desenvolvido o Projeto “Viagem de Trem”; é importante destacar que grande parte desta turma está comigo desde 2008; assim a composição dos cantinho era relacionado ao tema Trem. Os livros, os jogos e os brinquedos em geral.

Já venho fazendo um trabalho de escuta sensível, mas quero melhorar ainda mais esta escuta. O planejamento baseado no interesse das crianças acontece, mas quero uma participação mais concreta das crianças, não quero ser porta voz delas, quero ouvir efetivamente ouvir a voz delas.

A ideia da intervenção é expandir ainda mais os ouvidos. É dar prioridade à aprendizagem independente das crianças, à sua criatividade, à aprendizagem em grupo e individual, as suas competências e à necessidade de reflexão. Por isso a promoção da participação de pequenos grupos da turma nas reuniões de coordenação e professor, com o objetivo de confirmar a escuta do professor.

Uma prática comum em Reggio Emilia é o trabalho com grupos de crianças, ao invés de toda classe de uma vez só. Acreditam que o trabalho em um pequeno grupo ativa a aprendizagem e o maior intercâmbio de ideias. Todos beneficiam-se quando o trabalho do pequeno grupo é associado com a rotação sistemática (de modo que cada criança participa em pelo menos um dessas experiências durante o ano), interação entre os grupos e toda classe e colaboração entre adultos – pais, professores, coordenação e direção.

Podemos nos aproximar ainda mais das crianças, podemos diminuir a distância entre o mundo adulto e o mundo da criança.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As crianças nos dão informações de várias maneiras diferentes. É importante garantir modos eficazes de apoiar as crianças a comunicar seus pontos de vista, e para aprendermos as diferentes maneiras de “escutar”. O trabalho na escola está focado na escuta infantil, ao iniciar um projeto o professor observa, conversa, faz fotos e usa de desenhos para ouvir as crianças, esse é o entendimento que temos da Pedagogia da Escuta, as diversas formas de ouvir e estar próximo da criança, de entender suas singularidades.

A Pedagogia da Escuta não é um método, pois método remete a procedimentos planejados para conquistar reações e aprendizagens pré-determinadas. A Pedagogia da Escuta é considerada uma abordagem, pois o princípio é respeitar a maneira de cada um aprender e, para isso, precisamos estar atentos aos caminhos que eles mesmos propõem. Segundo Gandini (1999), nesta abordagem o aprendizado nunca será o mesmo se alguém deixar de dar a sua colaboração. A curiosidade, os questionamentos de todos têm valor e são decisivos na escolha dos temas dos projetos. Eles surgem da fala das crianças e de suas atitudes, registradas pelo professor.

As novas perspectivas sobre as culturas da infância, as culturas familiares e a cultura escolar podem certamente nos auxiliar a pensar em um novo modelo de escolarização de qualidade para as crianças, entretença culturas e que não as negue uma escola que seja plural, porém não seja excludente. Que possa “escutar” as crianças e construir-se para e com elas.

É esta pedagogia que colhe e acolhe a criança competente e possibilita um professor competente, que cria um contexto de escuta. Temos buscado este caminho, temos tentado estar mais próximos das crianças.

Na organização dos espaços, por exemplo, os objetos são dispostos de maneira que leve a criança a fazer suas próprias escolhas. Assim “encorajar a escolha contribui para a participação das crianças na prática”

(KINNEY, [2009], p.23).

Os currículos são construídos pelas crianças, no cotidiano, na relação pedagógica estabelecida entre criança e professor e entre criança e criança. As crianças trazem suas curiosidades, problematizam e o resultado disto são as ações desenvolvidas pela instituição. Os conhecimentos e os saberes são construídos pela criança, através da exploração das múltiplas linguagens. Estes saberes são organizados intencionalmente pelo professor para incentivar a expressão das crianças.

E a organização do espaço está diretamente ligada ao Currículo. Um Currículo “rizomático, porque é território de proliferação de sentidos e multiplicação de significados” (PARAÍSO, 2010,Pp.588).

Assim ao pensar o espaço, o conteúdo, o planejamento, todos os elementos que compõe a sala de aula. Faço escolhas baseadas em saberes de autoconstituição, de compreensão e expressão de si, de demarcação e exercício de possibilidade de intervenção em si e de interpretação da escuta. Portanto, são saberes instrumentais porque também estão a serviço da professora para que possa ir conhecendo as crianças, isto é, o que Filho(2005) chama de Parte Cheia do Planejamento, das leituras diagnósticas, de produção de sentido, a partir das pistas que vai identificando e significando sobre os funcionamentos, realizações e produções das crianças, no dia-a-dia do trabalho junto ao grupo. E a Parte Vazia diz respeito dos conhecimentos da professora sobre as crianças em particular, que se produzirão e que serão produzidos. Vazia porque a professora precisa dos olhos e ouvidos livres, atentos, sensíveis para conhecer as crianças para além do que ela já conhece das crianças.

O nosso trabalho está caminhando para uma proximidade ao de Reggio Emilia, onde a mente dos adultos e crianças está direcionada a questões de interesse de ambos. Tanto as crianças quanto os professores parecem estar igualmente envolvidos com o progresso do trabalho, com as idéias a serem exploradas, com as técnicas e materiais a serem usados e com o progresso dos próprios projetos. “A mente dos professores e crianças encontra-se em questões de real interesse para ambos”(GANDINI,1999,p.47). Os professores estão mais interessados em fazer sugestões, em ouvir atentamente idéias e perguntas das crianças,

em encorajá-las para que respondam às idéias umas das outras e estão especialmente mais atentos aos riscos de auxiliá-las exageradamente.

É claro que não tem sido uma tarefa fácil, requer competência. E o professor competente é aquele atento, curioso, investigador. Que escuta a criança e possibilita muitos cenários de aprendizagem.

Escutar as crianças tem mudado a maneira como pensamos sobre elas. Tem mudado os nossos entendimentos e perspectivas sobre como e o que as crianças aprendem e sobre a nossa imagem delas. Por isso incluí-las no planejamento significa contemplar e explorar as múltiplas formas de escutar.

METODOLOGIA

A pesquisa terá uma abordagem investigativa qualitativa que costuma ser direcionada, ao longo do seu desenvolvimento.

Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação estudada.

O pesquisador tenta entender os acontecimentos segundo a perspectiva dos participantes da pesquisa e, a partir, daí situar suas interpretações.

Na pesquisa quantitativa o ambiente natural é fonte direta dos dados e o pesquisador é um instrumento fundamental.

A pesquisa é descritiva e a preocupação do investigador é com os significados que as pessoas dão as coisas.

A pesquisa é com crianças e, não mais sobre crianças, ou seja, confirma que o pesquisador deve se preocupar com o significado que os pesquisados têm das coisas.

A pesquisa vai acontecer a partir do desenvolvimento de uma ação na escola. A participação das crianças no planejamento do currículo.

A turma vai ser dividida em grupos e vão seguir uma escala de participação nas reuniões de coordenação. Diferentemente do que acontece hoje, a reunião é sempre com os professores da idade, no caso

5 anos e a coordenação.

Mas haverá uma preparação com conversas na rodinha com as crianças, para discutirmos a ideia da participação delas no planejamento. Depois deste momento organizaremos os grupos de trabalho.

Ocorrerá de 15 em 15 dias, onde discutiremos as demandas da turma além das observações e fotos que farei nos ambientes da escola, principalmente na sala de aula. As reuniões serão gravadas, fotografadas e utilizaremos desenhos para que posteriormente possamos fazer uma avaliação com as crianças.

Depois de cada reunião os pequenos grupos terão oportunidade de compartilhar com o “grupão” todas as discursões. Em Reggio Emilia o que chamo de grupão são as Assembleias, como se fosse uma arena onde reuni todas as crianças para conversar sobre determinado tema ou decidir alguma coisa.

Como já foi mencionado nos objetivos, a sala é dividida em cantos. As crianças escolhem os grupos e os cantos de sua preferência e sempre em paralelo, a professora desenvolve alguma atividade direcionada de acordo com sua escuta. A ideia é que as crianças participem da organização destes cantos e do planejamento das atividades direcionadas nas reuniões com a coordenação e professores.

A pesquisa vai ser realizada de Junho de 2011 a Dezembro de 2011.

DESCRIÇÃO DO PLANO

	Jun	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Mai	Junho
Elaboração do Projeto	X	X	x	X									
Diagnóstico da escola e da turma	X	X											
Intervenção (coleta de dados)					X	X	x						
Análise de dados									x	x			
Escrita do Relatório											x	x	
Apresentação													x

ANÁLISE DOS DADOS

A Roda...

A Roda é um dos momentos de grande interação, implica a expectativa de algum fato relevante, pois algo de importante vai acontecer quando todos sentam na Roda. É o lugar onde conversamos, combinamos e planejamos. É nela que traça-se propostas de atividades, onde todos ficam a par do planejamento, organizando o trabalho em sala de aula.

O momento da Roda funciona como nossa Assembléia, onde são deliberadas as decisões do grupo. Observe a figura 1, como as crianças estão organizadas para este momento.



Figura 1

Por isso, foi na Roda que iniciamos nossa pesquisa. Imaginei que fosse o melhor momento das crianças verbalizarem àquilo que desejavam de mudança em nossas atividades. A partir, da construção coletiva, os participantes da Roda vão dar um passo na maneira como ela vinha sendo trabalhada, que até então a professora trazia informações para serem discutidas. A intenção é que a Roda ganhasse novos contornos, onde as crianças possam deliberar sobre o que vão fazer durante sua permanência na escola, que atividades iriam implementar. Em um desses

momentos, por exemplo, o assunto apresentado foi o dia do vídeo. As crianças questionavam porque o adulto escolhia o filme a ser visto. Muitos diziam que desejavam o Ben 10, outras a Barbie. Houve um debate e fizemos uma escala por criança.

Foi então que iniciei a intervenção. Comecei explicando a proposta, que a partir daquela Roda nós (eu e elas), reorganizaríamos nossas atividades. Perguntei o que achavam dos cantinhos. A princípio a resposta foi o silêncio, alguns poucos se arriscaram em falar. Por fim, depois de muito insistir saiu a idéia de mudar o nome do “Cantinho da Construção” para “Cantinho do Monta-Monta”. Observe abaixo os cantinhos da sala.



Figura 2-Cantinho da Leitura



Figura 3- Cantinho do Faz de Conta



Figura 4-Cantinho da Construção

Ainda assim, não me dei por satisfeita, queria ouvir muito mais, o objetivo era dar vozes às crianças, eu queria que fossem além dos cantinhos, que fizessem uma avaliação de tudo que estávamos acostumados a fazer.

O silêncio é aceitável e respeitado, mas aquele seria o momento de quebrar o silêncio. Tive paciência e em um processo de avaliação mais flexível, não quis usar do que achava que sabia das crianças, sobre suas diferentes formas de conhecer e agir no mundo, esperei que elas me dissessem algo.

Por isso, impor uma pedagogia em que todos tenham que participar da mesma forma, seria contraditório à proposta, mas é necessário que o professor perceba outras formas de dialogar com seu aluno.

Para Gandini (1999), nesse momento adultos, devem se oferecer como pessoas que sirvam de referenciais aos quais as crianças podem voltar-se. A tarefa é ajudá-las a encontrar respostas e, mais importante ainda, ajudá-las a indagar a si mesmas questões relevantes, mantendo assim uma relação de confiança.

Voltando a Roda, percebi que eu não consegui atingir as crianças como desejei, ainda estava no centro, representando uma autoridade, sendo que, a proposta era trilhar novos rumos para a turma. As crianças se sentiam “travadas” com minha presença, mesmo eu tentando abrir espaço para estar mais próxima delas, lembrando que naquele momento eu tentei assumir uma postura de ouvinte, mas as crianças não conseguiram perceber isto.

Não é fácil essa aproximação, por mais que me esforçasse, já fazem três anos que estou com esta turma, então existe uma relação construída onde de certa forma as crianças sabem bem do meu papel como professora. Certamente é um desafio romper com essas barreiras.

E para desfazer a Roda propus atividade livre nos cantinhos.

A votação do cantinho...

O silêncio foi um aviso. As crianças queriam me dizer algo. As demandas foram detectadas observando-se a maneira como reagiram às propostas que fiz. Identifiquei momentos em que exploravam os materiais conforme o esperado, no limite dos cantinhos, momentos em que ultrapassavam os

limites e possibilidades da atividade proposta reinventando maneiras de manusear os brinquedos.

Havia comunicação entre as crianças. Isso me faz ficar em constante estado de alerta para a decifração dessa comunicação, que se materializa em forma de ações, gestos, olhares e conversas entre elas.

Notei que houve um pequeno resultado da Roda, alguns referiam-se ao “Cantinho da construção” como “Cantinho do Monta-Monta”. Achei que esse fosse o momento de me meter na conversa. Então mais uma vez em Roda sugeri uma votação, a votação é uma prática comum do grupo, em outros momentos usamos dessa estratégia para tomar decisões importantes. Então promovi a votação, cada criança deu seu voto e ao final por unanimidade o “Cantinho do Monta-Monta” foi o vencedor. Veja a figura 5.



Figura 5-votação

O mais importante eram as ações das crianças, elas se movimentavam de

acordo com seus desejos.

Esta ação supõe dos benefícios às crianças que segundo Gandini (1999), que inclui tomar decisões sobre o que representar, como representar, como coordenar esforços e resolver visões conflitantes. Uma vez que a mente tanto dos professores quanto das crianças encontra-se em questões de real interesse para ambos, a mente dos professores também é engajada.

Colocar o problema na mão das crianças para que encontrem uma solução, possibilitou um momento de aproximação entre professor e aluno.

Os Desenhos...

“Para compreendermos o verdadeiro significado dos rabiscos infantis, devemos-nos esforçar, o mais possível para nos colocarmos no lugar da criança” (LOWENFELD, P.95)

Para analisar, foram escolhidos os desenhos de 7 crianças da turma. Dos itens que aparecem são: Elementos da escola, Figuras humanas, Elementos da natureza e Elementos externos. Os resultados por quantificação podem ser conferidos na tabela abaixo:

1-Elementos da escola	30%
2-Figuras humanas	30%
3-Elementos da natureza	20%
4-Elementos externos	10%

Os elementos que mais aparecem são as figuras humanas e os

elementos da escola na mesma proporção, são bem significativos para todas as crianças por em pelo menos em um dos desenhos analisados de cada criança estes elementos aparecem.

Nos desenhos de Leandro, a escola aparece em todas as suas representações junto com seus colegas interagindo no ambiente. Lorena, aparece pouca figura humana, demonstra dar mais significado ao ambiente com pouca interação, isto fala um pouco de sua personalidade, é uma criança tímida. Matheus hora desenha a escola, hora desenha ele, mas não desenha o conjunto, ou seja, figuras humanas dentro da escola. Nicolý, mescla bem elementos da escola, figura humana, elementos externos e elementos da natureza, consegue manter uma boa interação entre os elementos. Raquel se vê dentro da escola, representa em seus desenhos ela dentro da escola. Isabela faz uma ligação da escola com Elementos externos, a linha de trem que passa próximo a escola é visível em seu desenho, é um dos elementos externos mais significativos para as crianças. Por fim, Karen, representa os elementos da escola com ela dentro.

Estes desenhos se desenvolveram em dois momentos, durante a execução dos desenhos as crianças comentavam entre si dando a impressão de que estavam fazendo acordos, havia diálogo. É interessante perceber como elas se entendem e como “dão conta” de se organizar. Não é uma simples interação é uma ação de um grupo coeso. Observe a figura 6.



Figura 6-Desenhos

1º Momento: foram feitos sob minha orientação, pedi às crianças que desenhasssem nossos cantinhos, os brinquedos e os colegas brincando nos cantos.

Os cantinhos em grande parte dos desenhos foram delimitados por linhas representando os limites que eu estabeleci com o grupo, que julguei pertinente para uma melhor organização e a partir dos combinados construídos pela turma.

O resultado foi uma espécie de planta arquitetônica para representar a sala.

Assim a organização da sala tem influenciado no comportamento das crianças, facilitando certas atividades, como o trânsito entre os limites ou até restringindo a movimentação depende da personalidade de cada criança e da situação.

É proposital a ideia dos cantinhos, leva a criança a fazer suas escolhas e proporciona a interação entre elas durante as trocas de espaço. Para Zilma de Moraes (1994) os ambientes construídos para crianças deveriam atender a função de promover a identidade pessoal, competências, oportunidade de crescimento, segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade e concluo que ainda

mais, que oportunize a autonomia.

2º Momento: as crianças desenharam livremente, como gostariam que fossem os cantos da sala.

As ilustrações foram grandes e abertas, sem limites. Os brinquedos e os colegas se misturavam, transformando a sala em um canto só.

Mais uma vez, percebi que quanto mais eu falo ou oriento, menos eu escuto. Devo ouvir primeiro, entender para depois falar.

Depois de pronto os desenhos, cada criança expôs seu desenho e comentou sobre o mesmo, e montei uma exposição. A exposição serviu para valorizar ainda mais a escolha, que foi deles, do nome do cantinho. Uma estratégia para me aproximar mais das crianças, eu queria que elas quebrassem um pouco a barreira professor/aluno.

Nos desenhos em que houve orientação vi os limites estabelecidos através dos combinados, as linhas que dividem os desenhos, dividem as crianças também. Esta forma de organização reforça a regra de não desobedecer os limites, as crianças estão me dizendo que já internalizaram este combinado.

Porém o fato de dividir as crianças é um problema pois a ideia dos cantos é circular e potencializar as interações entre elas.

A Karen, por exemplo, em seu desenho está muito clara esta divisão: representa os quatro cantos nitidamente e dois dos cantos, desenhou apenas uma criança brincando sozinha. O mesmo ocorre no desenho de Nicolý e de mais duas crianças.

Já o Leandro, desenha os cantos e ele bem grande ocupando espaço nos quatro cantos da sala. Isto fala muito de seu comportamento em sala, é uma criança ativa, falante, que se movimenta bastante e interage bem com todos os colegas.

A proposta dos cantos é que as crianças tenham uma atitude parecida com a do Leandro, movimente e interage entre eles e os objetos, mas cada um responde e corresponde a sua maneira.

Partindo desse pressuposto não existe, tempo e grupo predeterminado para cada canto, as crianças se alto organizam para que haja rotatividade entre os grupos e os cantos.

Nos desenhos livres é característico, a amplitude e as figuras soltas. Sugere a ideia de um canto único, onde todos os objetos estejam reunidos.

Os desenhos representou um meio de comunicação entre nós, percebi que para compreendermos o verdadeiro significado dos desenhos tenho que me esforçar o máximo possível para me colocar no lugar das crianças, esta forma de expressão ajudou a estabelecer uma relação verdadeira e aliviar a tensão durante as Rodas de conversa.

E o planejamento com Coordenação?

Ah! Com a Coordenação foi ainda mais frustrante, o “travamento” foi maior.

Neste dia em Roda conversamos sobre a proposta, lembramos que as decisões seriam tomadas pelo grupo, planejar. Mas desta vez iríamos contar com a participação da coordenação.

A conversa foi sobre os cantos e aquisição de novos brinquedos. Poucas crianças arriscaram em falar de seus desejos.

As crianças se limitaram a apenas responder às perguntas feitas. Apenas repetiam o que estavam acostumados a fazer, nada de novo surgiu em relação às atividades.

A distância entre Coordenação e o grupo parecia ainda maior, ela representava para eles uma autoridade. A

Por issi conclui que o trabalho renderia mais se fosse entre eu e as

crianças, também pela escassez de tempo que teríamos. A aproximação com a Coordenação demandaria mais tempo.

Na tentativa de criar algo novo...

Em uma das últimas conversas com as crianças sobre planejamento, estávamos próximos do Natal, por isso, a conversa foi sobre o Natal. Entre elas haviam comentários de propaganda de tv, árvore de Natal, Shopping e etc.

Cada criança teve oportunidade de falar o que entendia de Natal. Alguns disseram que a mãe faria árvore de Natal, outros colocaram seus desejos para o Natal. Foi uma conversa bem espontânea, percebi que é um assunto que agrada a todos, ligam o Natal com ganhar presentes.

Sendo assim, reconheci onde está a maior falha no planejamento, não fica só na distância professor/aluno, mas também pelas escolhas dos temas propostos na Roda.

CONCLUSÃO

No desenvolvimento do plano de ação constatei que é possível incluir as crianças no planejamento. Para isto tivemos vários momentos, de Roda ou como é chamado em Reggio Emilia Assembléia. Nestes momentos propus ao grupo de crianças uma avaliação da organização dos espaços da sala e das atividades que costumávamos realizar.

Além destas ações foram realizados registros das crianças de desenhos, fotos e filmagens. Desta forma pretendi estudar minuciosamente quais eram os desejos das crianças. Através de suas movimentações principalmente em sala, fui observando e levando minhas constatações para a Roda que acontecia todos os dias. Um exemplo disso foi perceber que o nome do Cantinho da Construção não era agradável para as crianças, assim mediei uma votação entre elas com sugestões de nomes dados por elas e por fim, o nome escolhido foi Cantinho do Monta-Monta.

Um outro momento bem significativo foi o da reunião junto da Coordenação Pedagógica, não fomos muito felizes. As crianças se

comportaram de forma arredia, mas durante conversas posteriores percebi que para os encontros serem mais proveitosos deveriam ocorrer com mais frequência.

O trabalho desenvolvido suscitou em uma série de encontros que me colocou numa posição de ouvinte ou pelo menos em uma tentativa de ser ouvinte.

No planejamento deve conter hipóteses sobre o que poderia ocorrer, com base em no conhecimento das crianças e das experiências anteriores. Juntamente com essas hipóteses, formular objetivos flexíveis e adaptados às necessidades e interesses das crianças, as quais incluem aqueles expressados por elas a qualquer momento, bem como aqueles que o professor traz à medida que o trabalho avança.

Dessa forma o interesse de ambos estará sendo contemplado, tanto às crianças quanto os professores parecem estar igualmente envolvidos com o trabalho, estabelecida assim uma relação que eu escuto e quero ser ouvida também, para que, a função do professor não se perca, a função de mediador.

Esse relacionamento que foi construído em nossos encontros trouxe benefícios, as crianças estão engajadas no trabalho, tomam decisões sobre o que fazer, fiquei mais estimulada resultando em abrir ainda mais à escuta e criar estratégias novas de trabalho e se atentar aos riscos de deixar algo passar despercebido.

Isto para ser mantido requer trabalho dobrado e ouvidos afiados, ele rompe com uma visão mais tradicional de ensino e procura colocar como eixo norteador a transformação da curiosidade, das perguntas trazidas, as suas observações e aspirações que faz da turma.

Assim sai de minha posição de “autoridade”, onde sabia o que queria e o que não queria ver acontecendo no meu trabalho, uma espécie de manipulação através de atitudes minhas reconhecera nas atitudes dos

meus alunos, meus desejos realizados. Para que isto ocorra devo reduzir meu poder sobre o outro e encorajá-lo a construir por si mesmo seus próprios valores, e assumir estes riscos; partindo para uma postura de escuta e problematizar os acontecimentos e organizar o planejamento com as crianças.

REFERÊNCIAS

- Educ. Soc. , Campinas, vol. 26, n° 91 p. 443, 464, Maio/Ago. 2005.
- EDWARDS, C.; FORMAN, G. *As Cem Linguagens da Criança*. Porto Alegre: Artmed,1999.
- JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. *Linguagens Geradoras-Seleção e Articulação de Conteúdos em Educação Infantil*. São Paulo: Mediação, 2ª Ed.
- KINNEY, L; WHARTON,P. *Tornando visível a aprendizagem das crianças-Educação Infantil em Reggio Emília*. Porto Alegre:2009.
- LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte-um guia para os pais*. São Paulo: Mestre Jou,2004.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes. *Educação Infantil: muitos olhares*. São Paulo: Cortez,1994.
- PARAÍSO,Marlucy. *Diferença no Currículo*. Belo Horizonte, v.40, n.140, p.587-604, maio/ago.2010.
- Revista Presença Pedagógica V12 n° 72 Nov/Dez. 2006 BRACARENSE, M.; GOULART, M.
- Revista Pátio Educação Infantil Ano VI Jul/Out, 2008 FILHO, A. O Lugar da Criança.
- Revista Pátio Educação Infantil Ano I, n°02 Ago/Nov, 2003 OLIVEIRA, Z. Diretrizes para a Formação de Professores de Educação Infantil.
- SOUZA, S. J. Subjetividade em questão: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- TOMÁS, C. A.; SOARES, N.F. Infância, protagonismo e cidadania da infância. Revista Fórum Sociológico.IEDS/UNL,N. 11-12,2004.